

O manifesto do Partido Comunista foi publicado em 1848. Em 1846, meses antes de começar a polémica entre o autor do livro que é a propriedade e o autor de O Capital — foi no ano de 1842 que se publicou o livro de Proudhon e, em 1867, o primeiro tomo de O Capital — Marx convidou Proudhon a entabular correspondência que servisse para "intercâmbio de idéias e crítica imparcial". Na carta que, em resposta, mandou Proudhon a Marx, segundo se sabe por testemunhos de Rodolfo Rucker (Influências das idéias absolutistas no socialismo) e de Martin Buber (Caminhos de Utopia), figura esta passagem: "Pelo fato de estarmos à frente de um movimento, não nos convertamos em chefes de uma nova intolerância, não nos comperemos como apóstolos de uma nova religião, ainda que essa religião fosse a da lógica, da razão."

Para combater esse princípio de liberdade e justiça, Marx publicou o livro Miséria da filosofia, atacando as idéias de Proudhon, expostas em seu livro Os antagonismos econômicos ou a filosofia da miséria; no Manifesto Comunista chama a Proudhon socialista conservador e burguês. Outros, os parvos que não chegam a discípulos de Marx, o assinalam como utopista. O próprio Marx dirá de Proudhon que é um "pequeno burguês".

O curioso é que Marx se converteu ao socialismo aceitando as idéias de Proudhon expostas em sua obra que é a propriedade?

Porém, o Marx alemão havia de combater o anarquista francês e, negando o que escrevera em 1845 em seu livro A Sagrada Família, elogiando as idéias de Proudhon, depois de alertá-lo de que não se trata de "converter-se em chefes de uma nova intolerância", começa, em 1848, a campanha de falsidades adulterando o pensamento de Proudhon e alcunhando-o com todos os epítetos que são, ainda hoje, do exclusivo repertório dos comunistas.

O que desejamos frisar é que Proudhon tinha visão de gênio ao dizer: "não procedais como apóstolos de uma nova religião", vaticinando que as maneiras de Marx e seus processos seriam justamente os da intolerância, falhos de lógica e razão. Assim se comportaram os marxistas na Associação Internacional de Trabalhadores, até que obrigaram, ao imporem sua ditadura no ano 1872, por ocasião do V Congresso Geral da Internacional, a promover-se a primeira divisão dos trabalhadores e a cindirem-se as forças obreiras mundiais. Forçando a aprovação do regime de "Ação política da classe obreira" Marx orgulhava-se de ser alemão e, sempre que podia, mofava dos franceses. Inclusive, quis justificar que prevalecesse, no Conselho Geral da Internacional, o pangermanismo e o bismarquismo.

As idéias econômicas de Proudhon, apontando a propriedade como roubo, não eram burguesas nem conservadoras, e seu mutualismo como base de organização, quando ainda não existia movimento obreiro, significava um princípio de união, a resistência, em suma, a força organizada dos trabalhadores. Para Proudhon, considerado por seus biógrafos "anarquista filosófico" e continuador do pensamento de William Godwin, o Estado burguês "é visto como instituição sem mais propósito que a exploração e opressão". Tanto Godwin, quanto depois Proudhon, rechaçam a utilidade e ambos admitem, concordes, as necessidades da vida em sociedade.

Se buscarmos o que Marx aprendeu em Proudhon, apurá-se-á o que, há pouco, escreveu o "intelectual revolucionário" Jesus Silva Herzog, ex-subsecretário da Educação da República Mexicana: "Claro está que Marx não inventou o materialismo histórico num momento de inspiração. Marx elaborou sua teoria durante quatorze anos e antecessores achamos, desde Platão, no tocante a dar importância ao fato econômico e, depois, em épocas distintas da história do pensamento, particularmente em Harrington, em Pécquer e no mesmo Proudhon". Em 1852, quatro anos depois de se haver publicado o Manifesto Comunista, o mesmo Marx admite a transitória da ditadura do proletariado e o desaparecimento do Estado e é Engels quem melhor formula esse assunto e o concretiza deste modo: "Quando outra vez se organizar a produção sobre a base de uma associação livre e igual dos trabalhadores, a sociedade desterrará toda a máquina do Estado para um lugar muito a ela adequado: o museu de antiguidades junto com a roca e o machado de bronze".

Os múltiplos plágios de Marx foram apontados por Paul Gille, no Esboço de uma filosofia da dignidade humana. (Conclui na 3.ª pag.)

UM PROTESTO VEEMENTE E CONSTANTE NUMA COLÔNIA DO VATICANO

Estêve, há pouco, entre nós, o escritor português, Tomás da Fonseca, que tem proporcionado a leitores, grande número de obras de subido valor, obras que são sempre focos de intensa e pura luz, a romperem triunfantes, a escuridão calculadamente alimentada pela Igreja, em proveito dos soberbos e no próprio, com o sacrifício dos humildes.

Tomás da Fonseca, discípulo e amigo de Guerra Junqueiro, é (como este foi até a hora da morte) um protesto veemente e constante, em Portugal, contra o clero, que tanto tem infelicitado aquele país e que, presentemente, o domina por completo.

Hoje, lá, são ecos longínquos ou são sonhos, palavras como estas de Herculano, que revelam o espírito livre do português de outrora: — "Senhor rei, vós tendes um cetro e uma espada; tendes cavaleiros e besteiros, tendes ouro e poder; Portugal é vosso, e tudo o que ele contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandais."

No Rio de Janeiro, estêve Tomás da Fonseca em visita ao Correio da Manhã, onde lhe foi oferecido um almôço, ao Diário de Notícias, ao O Globo, ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais, em que foi carinhosamente recebido, e à Associação Brasileira de Imprensa (A. B. I.) para agradecer ao seu Presidente, o sr. Herbert Moses, a cessão do auditório onde realizara Conferência sobre Guerra Junqueiro, demonstrando à luz de documentos e de depoimentos de testemunhas insuspeitas, entre elas, a própria esposa do poeta e o médico assistente, que o poeta morreu como viveu. Ainda sobre Guerra Junqueiro falou através do microfone da Rádio Roquette Pinto, estação da Prefeitura do Distrito Federal, a comite de uma veterana e ilustre jornalista.

A notícia que ora damos deveria ter sido dada há mais tempo. Não o fizemos, porém, de caso pensado. Aguardávamos o lançamento de mais uma grande obra, que houve de ser impressa no Brasil, porque, em Portugal, o clero tem na mão o setor mais grave da Censura, que é o que se relaciona

com a liberdade de pensar e de afirmar pela palavra escrita. É um meio de impedir que se desmascarem os embustes da Igreja.

O livro está lançado. Tem por título — Fátima. São cartas ao Patriarca de Lisboa, Cardeal Cerejeira, contra o embuste da Senhora de Fátima.

Que se arrenguem os padres, que espumem, que se viem ao avesso, que estourem exalando enxofre, o Lídador ainda não morreu! Serão desmascarados! Não prevalecerá a mentira contra a verdade! Os humildes serão esclarecidos! Ai, está Fátima, a verdadeira Fátima, o livro que combate, esclarece, instrui e educa.

Tomás da Fonseca, escritor e mestre realmente popular, tem sido sempre defensor dos humildes.

Ouçamos-lhe a voz por entre as páginas de Fátima: — "E assim ficamos só: V. Emcia. e eu. Nem é preciso mais. Porque, se Vossa Eminência representa não só todo o episcopado português e seu clero, como ainda o próprio Santo Padre, eu, se ninguém me contestar este direito, representarei a voz de baixo: a dos humildes e esmagados; a dos que, apesar de vencidos, não perderam a fé em melhores dias. Que não de vir: tão certo como as trevas suceder a luz do Sol!"

E, como defensor, a sua palavra não respeita barreiras. Ei-lo nas páginas de Fátima, montado no lombo do Patriarca de Lisboa: — "Agora mesmo, acabo de saber que, longe de qualquer sinal de contrição, V. Emcia. continua a valer-se da cegueira do povo e do medo que atinge grandes e pequenos, para dar mais autenticidade ao embuste da Cova (428). Ciente e consciente, pois, do grande embuste, apesar disso continua a defendê-lo, e, o que é pior, a impô-lo como dogma de fé! Na verdade, Senhor, é preciso ter muita coragem para aceitar e propagar um erro de tamanha evidência, que salta à vista aos próprios cegos! Porque V. Emcia., como chefe da Igreja portuguesa, não tem direito de ignorar coisa alguma do que se passa no campo religioso.



Sabe, portanto, como, quando e por iniciativa de quem, se preparara a farsa ignóbil."

Ainda nas mesmas páginas de Fátima, tentando chamar o monstro à razão, lhe brada com todo o vigor da alma: — "O criatura sem entranhas, para que abismo pretendes arrastar o rebanho de surdos e de cegos que

pastoreias em nome do Absoluto, à sombra do qual a Igreja procura subjugar o mundo? Vê se encontra alguém que faça chegar ao teu espírito um raio de luz benéfico, e que, a seguir, destile, sobre o teu coração, uma gota que seja de verdadeiro amor pela pessoa humana!"

BARRAL

O HOMEM CONDICIONADO

(MEDITAÇÕES DE UM APOLÍTICO)

Por GERMINAL

Amigo! vives em um mundo de fantasias, superstições e espetros. É a conclusão a que chego. Como cristão, tens uma idéia fixa, a de que existes em duas edições; uma, palpável e outra, gasosa. Acreditas que, depois da tua morte física, teu Eu, aeriforme, será premiado ou castigado por tudo quanto teu Eu substancial praticou nesta penitenciaría chamada Terra. Estás convencido de que tua sorte futura depende de tua conduta aqui e, quando partires deste vale de lágrimas e escravidão, jamais encontrarás oportunidade de te reconciliares com aquele ser misterioso, chamado Deus, pois sua sentença é irrevogável.

Os representantes desse Deus impiedoso ensinaram-te que o melhor meio para conquistar um bom lugar no cinema celeste é a fome, pois a fome e a miséria são caminhos para a santidade. Além disso, deves condenar o amor carnal por ser obra do concorrente de Deus.

Tudo isso pode parecer brincadeira, ou que falo por alegorias; mas não, é a pura realidade. Consequentemente, meu amigo, sem dúvida alguma, és um monomaniaco! Mas, felizmente para ti, num sentido, e, infelizmente, em outro, não és o único que tem tal pássaro na cabeça, pois, se o fosses, engaiolar-te-iam num manicômio. Mas, como quase toda a humanidade está contaminada por tais idéias fixas, desapareces na massa e não atraís especial atenção.

Perguntas-me: "Que é uma idéia fixa?"

É uma idéia que subjuga o indivíduo mesmo contra toda a lógica. Não o é, portanto, a crença em um Deus tirânico, com seu exército de serafins, seu paraíso e seu inferno, que ninguém

pode dizer onde ficam? E estas outras manias: o culto do Estado e da Pátria, simbolizado por um pano flutuante; o do nacionalismo; o da Igreja com suas águas bentas, cheias de micróbios, e suas hostias que se transformam, na tua boca, em carne humana. Não é tudo isso mera idolatria?

Toda gente supõe domínio absoluto do bolchevista por trás da cortina de ferro, sem possibilidade qualquer de séria resistência e crescente espírito revolucionário. E' que pouco, muito pouco pode transpirar do fervedouro interno, fervedouro naturalíssimo em qualquer país totalitário.

Ora, no boletim da Libertarian League de Nova-York, número de julho passado, há uma carta assinada por A. Volni com indicações para nós interessantíssimas.

"As idéias revolucionárias dos tempos idos, diz Volni, vivem no coração das multidões e isso é exato sobretudo quanto às idéias anárquicas. As aspirações da revolução de outubro vivas estão ainda na memória e isso, especialmente, em suas expressões anárquicas: "As fábricas aos operários; a terra aos camponeses; livre federação de povos; conselhos livres e independentes de partidos". Esses foram os gritos de alívio da Revolta de Kronstadt em 1921, do movimento guerrilheiro do Extremo Oriente (guiado por Kóstia Triápitzin), os de Tchapaev e os de Nestor Makhnó".

Segundo Volni, não puderam as organizações anárquicas ser definiti-

vamente destruídas na Rússia bolchevista senão em 1936.

Todavia, nem nos teríveis anos de 1937 a 1939 conseguiu o governo de Stalin eliminar completamente os makhnovistas, kotovistas, tchapaevistas ou sequer os da rebelião de Kronstadt. Os sobreviventes da implacável sanha aniquiladora das autoridades soviéticas dispersaram-se por cidades, aldeias e campos; mas, em seus lares, foram ensinando aos filhos os princípios libertários por que se haviam batido e que eram os vigentes na revolução de outubro, depois traída pelos bolchevistas. "Essa tradição afirma Volni, está viva ainda e fermenta o futuro nas visceras da população contemporânea."

O grupo estudantescos descrito pelo pequeno Lisikov, os grupos anarcossindicalistas nos campos de concentração, descritos por Brígida Gerland, não são fatos acidentais. Agrupamentos semelhantes existem de ponta a ponta do país, da Sibéria ao Cáucaso.

Mais, na Bielo-Rússia, durante a guerra, surgiu uma organização denominada Gato Preto que moveu tenaz guerrilha aos nazistas. Pois essa mesma organização move guerra

Essas idéias fixas que te dominam são dogmas indiscutíveis, são a argamassa que dá, ao manicômio em que vivemos, sua segurança.

Arrisca-te uma vez e desrespeita ou critica essas idéias fantásticas e logo verás que os grandes loucos se assemelham aos pequenos porque caíram em cima de ti para te aniquilar. Primeiro, roubar-te-ão a arma — a pala-

(Conclui na 4.ª pag.)

A RESISTÊNCIA NA RÚSSIA

aos bolchevistas. A maioria dos seus partidários são antigos guerrilheiros de Makhnó. Outro agrupamento denominado Zaviétú Kronstadt (Os pactos de Kronstadt) tem centros na Alemanha Oriental e na Áustria. É uma organização puramente militar e se mantém diretamente relacionada com o interior da Rússia e com as populações dos países satélites, especialmente com as tropas soviéticas de ocupação. O núcleo inspirador, segundo Volni, constituem-no os makhnovistas, homens de Kronstadt, ex-marineiros da frota do Mar Negro, da Ukrainskaja Poisdântcheskaja Armia, ex-oficiais do exército de Budnié e de Zlov, ex-oficiais e ex-soldados da segunda guerra mundial. Essa organização tem distribuído manifestos, dirigidos, sobretudo, à juventude.

Acrescenta Volni que um tenente russo, Petrov, tem abertamente falado das tendências anárquicas entre os soldados do exército russo. E Volni assim termina: "Tal a situação reinante na U.R.S.S. No dia em que o povo russo se insurgir contra a tirania que o oprime certamente escreverá em suas bandeiras: "Vivam os conselhos livremente eleitos e independentes dos partidos".

Crônica Literária

Por JOSÉ OITICICA

MÁRIO GONÇALVES VIANA — Psicologia do dinheiro

1. Tenho sonhado, desde muito, com por uma Antologia do dinheiro, digamos assim enquanto não mereça propriamente o título de florilegio essa malfadada criação capitalista.

Meu fim seria levantar um rol de opiniões dos mais abalados pensadores sobre esse instrumento de troca, designação ingênua dos economistas contemporâneos. Isso porque, nas minhas leituras, fui observando como o dinheiro, quase unanimemente, quantos homens de espírito e cultura se não detido em sua conceituação.

Com espanto meu, só agora vejo a Psicologia do dinheiro, do sr. Mário Gonçalves Viana. O livro preenche, até certo ponto, minha aspiração pois arrola definições e sentenças de altos espíritos em todos os tempos.

2. O autor é católico praticante e bom servidor, parece, da autoridade eclesiástica. Trata logo do dinheiro na Bíblia, na filosofia das nações, através dos tempos, perante o luxo, a poesia, a fidelidade; fala da avarizia, da usura, da agiotagem, da prodigalidade, das dívidas, da pobreza e da mediania, da indigência, da caridade, da filantropia, da economia, da miragem do ouro, da fascinação do dinheiro, da sua conquista, da peita e do suborno, do crime agulhado pelo dinheiro. Depois, pergunta-se se é invencível o dinheiro e qual sua função social.

Como se vê, programa vasto e sedutor, tratado com bastante leitura e transcrições exatas, apropriadamente.

3. Se o livro empolga pela cópia documental, decepção, de todo, na doutrina referente ao magno problema social. O catolicismo do autor empanou-lhe a razão e a consciência. Depois de trasladar tanta opinião cerradamente condenadora do dinheiro, seria de esperar, de um homem que lhe escreve a psicologia, tratasse do assunto com largueza de vistas, desprezando a solução de teólogos parados e a reles defesa dos acomodaticios e conformistas.

4. O problema é formulado logo na segunda página:

"Ninguém contesta, diz ele, que o dinheiro é a causa de muitas desgraças e misérias. Mas, como viver sem ele? Os seus maiores inimigos trabalham para ganhar dinheiro e muitos para enriquecer."

Temos aí os três pontos do problema. Primeiro: ninguém contesta ser o dinheiro a causa das maiores desgraças humanas; segundo: ninguém pode viver sem ele; terceiro: a prova de sua absoluta necessidade é que os seus maiores negadores lutam para adquiri-lo.

O primeiro é a confissão que desejamos, o reconhecimento unânime da tese anarquista: o dinheiro, instrumento da compra e venda, sem o qual o capitalismo se esboroaria, é o elemento essencial de todo o mal estar humano. Isso redundaria na afirmação de ser o capitalismo a fonte mesma das nossas desventuras. Logo, o capitalismo é um mal, a maior mal; talvez, o único mal.

A segunda afirmação, a de que ninguém pode passar sem ele, nós a contestamos. Ninguém pode passar sem ele no regime capitalista. Não se segue daí seja impossível passar sem ele em outro regime. E é isso o que propomos.

A terceira afirmação é indigna de formular-se. É claro que, se os negadores do dinheiro estão vivendo no regime capitalista e esse regime tem por base essencial o dinheiro, para não morrerem de fome, não de eles ganhar esse dinheiro. Sabendo, porém, ser esse dinheiro o instrumento da instituição capitalista, instituição do roubo organizado, vendo a humanidade trabalhadora espoliada, por meio dele, pela oligarquia dos grandes monopolistas e parasitas seus servidores, esses adversários do dinheiro se revoltam, apontam essa fundamental injustiça e propõem outro sistema de trabalho desviado de todas as mazelas atuais: a propriedade, a moeda, a autoridade estatal com suas sete feições opressivas: militar, financeira, econômica, jurídica, administrativa, pedagógica e religiosa.

5. O primeiro ponto, a nossa tese, é demonstrada amplamente pelo sr. Mário Gonçalves Viana. O dinheiro gera universalmente, em todas as dimensões sociais, o roubo. Já o demonstra, eficientemente, o célebre autor da Arte de furtar, Antônio de Souza Macedo, esmiuçando os inúmeros processos de roubo praticados em Portugal nos seus dias. Sua análise, porém, caberia integral em qualquer país e em qualquer tempo.

Seria fácil transcrever páginas e páginas do sr. Mário Gonçalves Viana demonstrativas dessa tremenda pressão do dinheiro. Delas deduzir-se-ia logicamente a sua irresistibilida-

de e firmar-se-ia o seguinte axioma: "Onde houver dinheiro, há roubo".

Citaremos apenas o seguinte da página 328: "E este exatamente o caso do homem no que se refere ao roubo. Quando a lei domina soberanamente, há que roubar com mais cuidado e com mais decência. Os ladrões tornam-se, necessariamente, mais cautelosos, especialmente aqueles que pretendem passar por pessoas respeitáveis e de bem. E por isso mesmo que o roubo vai deixando, cada vez mais, de ser violento e direto para se tornar astucioso. A instrução e a inteligência fornecem ao homem numerosos elementos que ele utiliza. Há muitos que, sentindo apanhada, para campo de ação de suas proezas, a terra onde nasceram, procuram as cidades populosas ou as Américas para nelas poderem enriquecer. Aí, ninguém os conhece; podem manobrar à vontade. Quanto maior o espaço vital, tanto mais fácil se torna realizar especulações audaciosas, escapando às malhas da lei e da polícia. Quantos há que enriquecem fulminantemente nessas grandes urbes, falsificando gêneros alimentícios, negociando carne branca, explorando as misérias dos emigrantes, abrindo falências fraudulentas ou realizando quaisquer negócios escusos, à margem das Leis e da Moral! Quando estão a abarrotar de riqueza, voltam à terra natal ou à pátria onde são recebidos com as honras que o mundo dedica aos homens abatidos e aos milionários. Para estes, há dois ambientes que correspondem a duas vidas. Lá longe, foram criaturas de moral suspeita — cometeram falsificações, burlas, abusos de confiança, falcaturas, roubos... Uma vez enriquecidos e na sua terra, mudam completamente e passam a ser pessoas honradas, espirrando moral por todos os poros! Vão à missa, dão dinheiro a hospitais, constroem escolas e parques... Longe da sua terra foram ladrões; na pátria são... homens de bem... bememeritos! Livre-se algum desgraçado de os prejudicar em um escudo; livre-se alguém de cometer, com seu conhecimento, qualquer pequeno furto! Estes "honrados" não perdoam a mais insignificante ladrocinha; denunciam-na e perseguem-na ferozmente, com um prazer sádico. O mundo sabe que tais homens foram desonestos, mas não se importa com isso. O dinheiro desculpa tudo; é uma capa que oculta todas as misérias e podridões. Ninguém quer saber como o dinheiro foi conseguido. O que todos verificam é que Fulano ou Beltrano tem dinheiro a rodos. O resto não interessa."

E, por aí além, vai o sr. Mário Gonçalves Viana mostrando praticamente a onipotência do dinheiro causa de crimes, crueldades, infâmias, vilezas, diátrias e insipitáveis. A conclusão, pare-nos, seria uma só: para sanar os males sociais, uma coisa é imprescindível, procurar extinguir o dinheiro organizando a sociedade com outras bases, sem ele.

6. Ora, para tanto, importaria proscrever a propriedade particular de que ele, dinheiro, é mero instrumento. Se o homem reconhece o mal incurável do dinheiro, sendo justo e consciente do seu poder, há de buscar um meio de eliminá-lo. Que faz o sr. Mário Gonçalves Viana? Já vimos que, de antemão, supõe impossível o expurgo da praga. Vejamos com que razões.

7. No capítulo intitulado Em que consiste a riqueza, comete o sr. Mário Gonçalves Viana sérios erros de economia política. Logo no primeiro período, há um, fundamental: "Quase toda gente confunde a palavra riqueza com a palavra dinheiro." Além da redação falha pois ninguém confunde essas palavras, senão as noções dessas palavras, erro é supor que dinheiro não é riqueza. Todo dinheiro, o verdadeiro, é riqueza pois é metal, ouro ou prata, com valor comercial estimável, tomado por padrão em virtude de certas qualidades, não inerentes em outras mercadorias. Prossegue a confusão adiante: "Há casos em que o dinheiro — seja em metal soante ou em notas bancárias — não vale absolutamente nada." Continua: "Se qualquer indivíduo se encontrar no meio de um deserto com a carteira a abarrotar de contos de réis e com a bolsa cheia de ouro nem por isso se poderá julgar rico." Esse argumento é ridículo. Com ele, eu demonstraria facilmente que não há riqueza alguma na terra. Se eu estiver à beira de uma fonte, mas faminto, aquela água não vale nada para mim; logo, água não é riqueza pois, em certos momentos, ela nada vale.

8. Apressemo-nos a examinar a conclusão do livro, ao que parece, afanosamente feito.

O autor, depois de afirmar que o culto da riqueza pela riqueza desumaniza os homens tornando-os arrogantes e audaciosos (p. 356) estabelece a distinção muito cara aos teólogos católicos, entre maus ricos e bons ricos.

Assevera que Jesus Cristo não condenava os ricos; condenava apenas os maus ricos.

Porém, a ser verdade o que logo depois escreve o sr. Mário Gonçalves Viana, não existe bom rico no mundo ou será avis raríssima. Com efeito, escreve: "A riqueza é a miragem que mais engana o homem. Por causa do dinheiro — que nada vale — os homens atropelam-se e esmagam-se uns aos outros. A corrida para a riqueza tornou-se uma obcecção e uma loucura. O dinheiro é o ponto de mira de toda a gente, a meta fascinadora de quase todas as vidas. Pelo dinheiro se esquece honra, paz de consciência, laços de família, moral, respeito humanos, saúde..." E por aí vai. Adiante mostra a inoperância dos moralistas no deter tal fúria: "Mil vozes de moralistas, de filósofos e de teólogos protestam contra a inanição da riqueza. Mas os homens cada vez se deixam mais desviar pelo deus milhão. A conquista do dinheiro é uma idéia fixa, é uma monomania coletiva. A medida que aumenta o egoísmo humano, vai crescendo, nos homens, a febre da riqueza. Todos os autores reconhecem, desolados, esta confrangedora verdade."

A conclusão seria a que nós, anarquistas, propomos: acabar com a propriedade particular de que o dinheiro é mero expoente.

9. O sr. Mário Gonçalves Viana, no entanto, católico praticante, nem sequer estuda o caso. Sentencia, logo, inapelavelmente: "Eliminar o dinheiro da vida social — se um tal fato fosse possível — equivaleria a fazer recuar a vida da humanidade às suas formas primitivas mais simples" (p. 361). Depois, insiste: "A condenação formal do dinheiro constitui um erro de visão. Não é o dinheiro que devemos condenar, mas sim o mau emprego que dele se faz." E acentua: "O problema do dinheiro é, portanto, um problema educativo. Impõe-se que o homem aprenda a usá-lo com proveito, dignidade e elevação." E, depois de citar Jorge Mac Donald, para quem é dinheiro é muito poderoso para o bem quando excelentemente empregado, conclui: "Não se acuse, pois, o dinheiro, nem a riqueza. A culpa está nos homens. São estes que não sabem manejá-lo. A maioria da gente, quando possui dinheiro, perde o domínio de si. Ilgrosamente, não somos nós que possuimos o dinheiro, é ele quem nos possui."

O sr. Mário Gonçalves Viana perceberá, por ventura, a contradição flagrante em que incide? O dinheiro fascina, faz perder o juízo à maioria das pessoas. Desde a mais alta antiguidade sempre tem sido assim. Há vinte séculos, o cristianismo apareceu condenando os maus ricos e, na civilização cristã, as igrejas, católicas ou protestantes, nada conseguiram com sua ação educativa. Isso prova, de toda a evidência, que não há religião, nem pressão educativa capaz de minorar, abrandar sequer, a ação perversora do dinheiro.

Se o sr. Mário Gonçalves Viana quisesse raciocinar, atendendo à generalidade, à constância, à intensidade das malversações do dinheiro em todo o mundo e em todas as épocas, avaliaria a ineficácia absoluta da educação neste assunto.

Se tivesse ânimo e permissão de estudar a doutrina anarquista, sem compromisso, é claro, aprenderia que esse poder corruptor, já denunciado por Camões, de do âmago, lhe está no cerne, porque o dinheiro é o meio prático da expropriação dos trabalhadores pelos parasitas. Em que consiste esse meio? Na possibilidade da armazenagem. Reduzir a riqueza circulante a moeda é poder pôr num cofre, a sete chaves, essa riqueza. Ninguém pode enfiar na burra um prédio, uma fazenda, minas de carvão, poços de petróleo; mas, fácil é juntar moedas de ouro ou seus representantes, notas de papel, cheques, cambiais, e, com esses elementos armazenáveis comprar e vender tudo, inclusive o trabalho alheio. Suprimida a propriedade particular, negado esse direito de posse, o dinheiro desapareceria logicamente e desapareceriam com ele toda a injustiça, toda a miséria, todas as infâmias sociais.

O mal está na propriedade, sempre roubo, como o demonstrou irretorquivelmente Proudhon.

A extinção da propriedade, é claro, não convém aos possuidores atuais, inclusive às igrejas de todos os calibres. Como bom católico, o autor defende o interesse da Igreja católica, esse monstro parasita com vinte séculos de cova e outros tantos de rapinagem grossa, nefandos crimes e parasitismo insaciável.

Toda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.

OUTRAS FAVELAS VIRÃO

Por P. B. J.

A época é de demagogia. E os demagogos aí estão com as unhas afiadas e os dentes arreganhados, numa ambição desmedida, para tirar o máximo proveito da situação que atravessamos e do governo que dirige (ou digere) este país.

Uns mais, outros menos, todos estão pondo em prática os ensinamentos recebidos e a situação está de tal maneira embaraçada, que não sabemos onde começa a honestidade e acaba a ladrocinha, porque o Brasil está transformado numa verdadeira quadrilha de Ali Babá com mais de quarenta ladrões.

"O Mundo" numa de suas edições de janeiro último, escreve o seguinte: "Mal terminado este ousado golpe — (refere-se ao último Congresso Clerical, de cujos resultados financeiros não prestaram contas) — Dom Helder Câmara resolveu intervir arrebatando aos poderes públicos uma função que, por dever, lhe pertence e desfraldou a bandeira da extinção das favelas à custa dos cofres públicos, maneira suave de coroar as suas ambições comprando por alto preço a honra de usar um chapéu cardinalício. Como, porém, o governo, não se tenha apressado a dirigir uma mensagem ao Congresso, o ousado prelado subscreveu com o seu nome uma pseudo-mensagem ao Parlamento, usurpando assim, a autoridade do Executivo para se dirigir ao Congresso solicitando um crédito de cinquenta milhões de cruzeiros, de que o mesmo se utilizará de uma pequena soma, para resolver parte do problema das favelas e a parte mais importante para enviar para Roma, a fim de reforçar o tesouro de São Pedro, para cuja pujaça o Brasil já contribuiu em grandes proporções. Depois de gastar os milhões do Congresso Eucarístico, dos quais o legado do Papa consumiu em uma viagem ao Brasil cerca de cinco milhões, Dom Helder Câmara já embolsou quase cem milhões para resolver o problema das favelas, pretexto que é um saco sem fundo, por onde desaparecerá todo o recurso de que dispuser o Brasil."

O problema das favelas é uma iniciativa que não deve ser apreciada pelo mesmo prisma porque o vêem os cardeais da Igreja Romana no Brasil. Os 600 mil favelados não devem servir de pretexto para que as suas misérias e necessidades concorram para a realização de acordos e cambalachos entre os cardeais e os cofres da Prefeitura e do Tesouro Federal. Eles merecem outro tratamento que os conduza ao de que realmente necessitam: serem tratados como seres humanos vivendo em casas higiénicas e confortáveis.

O escândalo das favelas assume tamanhas proporções que até os escritores de tendência católica se insurgem contra a demagogia dos cardeais.

O sr. Peixoto da Silveira publicou, no "Jornal do Brasil", do dia 20 de novembro de 1955, o seguinte:

"Periódicamente, pessoas de bom coração e cronistas sentimentais voltam as vistas para o problema das favelas. Agora, por exemplo, diversos jornais do Rio estão focalizando o assunto, havendo mesmo notícia de um projeto de lei votando um crédito de Cr\$ 50.000.000,00 para construção de residências adequadas e "extinguir as favelas"...

A solução proposta é generosa e bela, sem dúvida, mas contraproducente, injusta e sobretudo perigosa, sob o ponto de vista social e econômico.

E contraproducente, porque, resolvido o problema dos atuais favelados, outros acorreriam para o mesmo lugar. Assim, destruídas as atuais, outras favelas virão. Seria um círculo vicioso. Que as providências tomadas neste sentido, periodicamente, não têm dado resultado, prova o número atual das favelas.

É injusta, porque as condições de habitabilidade das famigeradas favelas no Rio de Janeiro não são inferiores às das insalubres cafunas das zonas rurais. Vivendo apenas na orla litorânea, muitas pessoas de bom coração e cronistas sentimentais não sabem que alguns milhares de favelados aí existem porque são mais felizes ou têm mais conforto do que muitos milhões de outros patriotas noscos. "Longe da vista, longe do coração", é verdade. Mas é injusta, clamorosamente injusta, a solução unilateral de se dar, apenas, assistência a uma parte em detrimento do todo.

E esta solução parcial é, sobretudo, perigosa sob o ponto de vista social e econômico, porque, fugindo das agruras e do abandono do sertão, todos os "jeica-tatus", que ainda não estejam completamente imbecilizados pelo sofrimento e ainda possuam um pouco de iniciativa, virão para as margens da Guanabara, empoleirando-se nos morros, para inspirar sentimentalismos epidêmicos, para zombar de soluções paliativas, para regalar os demagogos, para desmentir uma civilização de fachada. Se continuarmos a fazer apenas obras assistenciais nos grandes centros, mais se acentuará a rarefação demográfica do interior, desequilibrando mais ainda a economia nacional, reduzindo a produção e aumentando o consumo, diminuindo os braços da lavoura e aumentando as bocas da cidade. Antes de as favelas terem fim, teria fim o Brasil."

Conclusão: os benefícios distribuídos pela Igreja Católica são todos oriundos dos cofres públicos, provindo das subvenções abundantes que distribuem os poderes federais, estaduais e municipais. O tesouro do Vaticano que se eleva a treze milhões de dólares, depositado nos bancos, não se mobiliza para proteger os infelizes. No projetado acordo entre o clero e a Prefeitura para melhorar as condições de vida da população favelada, o clero, entrando apenas com a bênção, colherá os frutos, insinuando-se ainda, como protetor dos humildes. D. Jayme e seus auxiliares sabem perfeitamente disso. Assim, raposas de são prometem o impossível, tomam o dinheiro do governo e procedem como qualquer demagogo vulgar. O problema das favelas é farta mina que os altos dignitários da Igreja vão explorar a longo prazo e com renda certa.

À PARTIDA DE PIO

O atual papa Pio 12 que já conta 80 anos de idade, deve estar preparado para subir ao Céu (o que não deve demorar), depois que os jornais do mundo inteiro noticiaram, em novembro de 1954, que Jesus estivera sentado ao seu lado, durante sua última enfermidade, segredando-lhe ao ouvido que o seu reinado está prestes a findar, não adiantando nada querer contrariar a Natureza, pois estava chegando a hora de prestar contas ao seu Deus dos pecados cometidos na terra, durante o seu reinado.

O Papa falou dessa visita mística a alguns íntimos e essas testemunhas acreditam que o Senhor havia verdadeiramente ordenado ao seu servidor que o seguisse. Tinham tanta certeza os jornais católicos e principalmente os do Brasil, de que o Papa estava com os dias contados, que alguns deles ficaram com a página necrológica preparada vários dias, aguardando o momento exato do desenlace, para ser publicada.

Mas algo faltou na hora H, para que não se confirmasse tão esperado falecimento. Com certeza, o visto no passaporte.

Isso, entretanto, não impediu que se fizessem preparativos para a nomeação do substituto que, seguindo os planos elaborados pelo governo americano, arvorado a diretor do Universo e intimamente ligado ao Vaticano, apesar de professar religião diferente, deverá recair no cardeal Spellmann, que reúne todas as qualidades e virtudes para o fiel desempenho de tão importante e espinhoso cargo político.

Assim sendo, o futuro Papa, como qualquer politiquês vulgar, já tem organizado, há bastante tempo, o seu programa de governo, aliás em nada diferente dos papas anteriores e que consiste em embruteecer consciências para escravizá-las ao seu domínio.

Como parte integrante desse programa, o futuro Papa já esteve no Brasil, por ocasião do Congresso Clerical, acompanhado de D. Helder Câmara, visitou o alto do Corcovado e, passando Cristo para trás, demonstrou abertamente o que será o Brasil quando o domínio deles for completo e definitivo.

Antes mesmo que isso aconteça, o vice-papa brasileiro trabalha incessantemente para proibir a circulação de revistas e jornais anti-clericales e a exibição de filmes que não façam propaganda da religião católica.

Os súditos do Vaticano pretendem implantar de novo, neste continente, o regime inquisitorial, em obediência às ordens recebidas do Estado Maior sediado em Roma.

Devemos intensificar a luta para evitar que freqüentemente o rebulhão da fradaria de outras plagas venha aqui para explorar e pregar idéias nefastas, prejudiciais ao povo. A fradaria que nos procura é composta, as mais das vezes, de criminosos dotados de todas as taras que atentam contra as leis da natureza. Fora com eles, em qualquer país que apareçam.

MILIONÁRIOS SOVIÉTICOS

Sovietismo, bolchevismo, marxismo, tudo são nomes da mesma peste: capitalismo. Capitalismo particular ou capitalismo de Estado é tudo o mesmo, o regime do roubo, do parasitismo, da propriedade particular, acumulável e exploradora.

Na Rússia dos soviets, já o mostramos em números passados, proliferam os arquimilionários tal qual na Norte-América, na Inglaterra, na China ou no Brasil. Onde haja dólar, libra, marco, iene, franco, peso ou coroa — dinheiro, em suma — haverá milionários ou arquimilionários.

Temos agora o caso de Boleslav Bierut, ex-presidente da Polónia e chefe do Partido Comunista polaco.

Copiamos do Diário de Notícias de 14 de março, primeira página, o seguinte telegrama de Moscou, 13:

"Vê-se na foto, de 1954, o veterano agitador comunista Boleslav Bierut, de 63 anos de idade, que escalou, pouco a pouco, diversos cargos, até se converter no chefe da Polónia vermelha. Bierut faleceu ontem, nesta capital, após breve enfermidade. Depois da segunda guerra mundial, chegou a ministro polonês, renunciando em 1954, para ocupar o cargo de secretário dos trabalhadores poloneses unidos, que formaram um partido de caráter comunista. Segundo foi divulgado, o extinto vivia com a suntuosidade de um milionário. Josef Svatlo, ex-chefe da polícia secreta polonesa, disse que Bierut tinha uma formosa amante, dez residências luxuosas, duzentos criados e seis automóveis fechados, todos blindados."

PERGUNTINHAS

(ver o n.º 103)

SEGUNDA. Amigo! Meditou durante quatro meses na primeira pergunta? Se meditou, apresentamos-lhe hoje esta: Acha você justo que um indivíduo qualquer ou uma companhia se aposse de dez, vinte, quinhentos e mais alqueires de terra, neles plante cana, café ou trigo, não com as próprias mãos, senão com as mãos de homens pobres, analfabetos, famintos, colha cada ano centenas, milhares de toneladas, venda essa colheita, guarde o dinheiro e não distribua com os trabalhadores um quilo só desses produtos, e até lhes venda esses mesmos produtos?

Mais ainda. Acha você justo que o indivíduo ou a companhia proprietária deixe, muitas vezes, as terras abandonadas e, se você quiser aproveitá-las para você e sua família tenha o direito de impedir isso e, ainda mais, se você insistir, mandá-lo prender num xadrez?

Acha justo? Se não acha, está dando razão aos anarquistas que afirmam e provam que a propriedade é um roubo, a maior injustiça do mundo e a causa de todos os males humanos.

Medite sobre esta pergunta e espere a terceira.

A FALÊNCIA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

O TRABALHADOR AINDA SE ILUDE COM O CAPITALISMO

"O Globo", em sua edição de 3 de março último, publicou o que a seguir transcrevemos, sem necessidade de comentários, uma vez que o próprio relato é suficiente para provar que a Previdência Social foi organizada sobre bases demagógicas, com prejuízo total para os trabalhadores.

"DADO COMO APTO PARA TRABALHAR TENDO A VESÍCULA GANGRENADA! — Um caso verificado com um estereotípista de 'O Globo' evidencia a desorganização, senão a falência, da Previdência Social, no Brasil — Menosprezo da vida humana — Outros casos verificados com funcionários deste jornal.

Esta é uma história dolorosa, quanto se repita diariamente nos vários setores da previdência social. Quando Agostinho Machado Fagundes, estereotípista de "O Globo", com 23 anos de serviço, portador da Carteira de Contribuição do IAPI de número 7970918, se dirigiu à autarquia para solicitar um benefício, ainda o alentava uma tênue esperança de que a previdência social, no Brasil, era uma realidade. Verificou, porém, em pouco — a exemplo de milhares de trabalhadores brasileiros — que se trata de um mito. De um triste mito.

ONDE COMEÇA O SOFRIMENTO — No dia 25 de janeiro de 1956, sentindo-se em precárias condições de saúde, Agostinho Machado Fagundes deu entrada a um requerimento, no IAPI, solicitando o benefício. Deram-lhe, como é de praxe, uma papelada, para se submeter à inspeção médica, na rua Sacadura Cabral, 9, 6.º andar, "Vá imediatamente" — aconselharam. Agostinho foi. Chegou ao departamento às 13h 30m; o médico só chegou às 16h 30m. Era o primeiro da fila, e conseqüentemente, o primeiro a ser examinado. Aguardava-o, nesse momento, a segunda decepção (a primeira fora a longa espera do facultativo): o médico. Agostinho Machado Fagundes nos conta:

— O médico parecia estar com asco. Nem queria pôr a mão em cima de mim. Fêz um exame por alto, sem me mandar a provas radiográficas. Ao fim, concluiu que eu tinha de me submeter a uma operação na vesícula, pois, em caso contrário, não me seria concedido o benefício. Tentei dissuadi-lo disso, revelando-lhe que eu já me submetera a uma operação da vesícula, sem extrai-la, contudo, mas só a drenando. O médico permaneceu irredutível e mandou-me aguardar, para dentro de alguns dias, o parecer do Departamento Médico do Instituto.

INTERNADO E OPERADO — O estereotípista faz uma pausa e acrescenta: — No dia 26, piorou o meu estado de saúde, pelo que fui obrigado a chamar um médico da Casa de Saúde Santa Luzia, o Dr. Apio Ribeiro de Castro, que compareceu à minha residência. Disse-me que eu precisava ser operado com a máxima urgência. Fui internado no mesmo dia, à noite, naquele estabelecimento hospitalar, localizado na Av. Mem de Sá. No dia 28, extraíram-me a vesícula — já gangrenada! — com um cálculo. O cirurgião valeu-se da oportunidade e me extraiu o apêndice, também. No dia 6 de fevereiro, tive alta, pagando "O Globo" todas as despesas, num total de Cr\$ 20.620,00.

A GRANDE SURPRESA — Ontem, entretanto, após ter sido aconselhado pelo próprio IAPI a fazer a operação e de tê-la feito, o Sr. Agostinho Machado Fagundes recebeu a seguinte comunicação do P. E. Centro (Pôsto de Benefícios), localizada na Rua Santana, 63: "Sr. Agostinho Machado Fagundes, Rua Luís Pinto, 7. Cidade

Nova. — Comunico-vos que, em face do exame médico realizado, fostes julgados em condições de saúde que não vos impediam de trabalhar (o destaque é nosso), após a entrada de vosso requerimento de benefício. Entretanto, se não vos julgardes capazes de voltar ao trabalho, podeis dirigir-vos ao Instituto, pessoalmente ou por escrito, no endereço aqui indicado, com a máxima urgência. Saudações". (Um nome ilegível).

QUANTO PAGA AOS INSTITUTOS — "O Globo" paga aos Institutos (IAPI, IAPC e IAPETC) cerca de 185 mil cruzeiros mensais. No entanto, quando um funcionário carece de um benefício das autarquias de previdência social, o jornal é que lhe dá atendimento, como no caso acima citado e nos que se vão a seguir.

OUTRO CASO — Abílio Ribeiro, igualmente funcionário de "O Globo", requereu o benefício do IAPI em 20 de dezembro de 1955. Estamos a 1.º de março de 1956, e até o momento ele nada recebeu. "O Globo" mantém pagamento integral — inclusive extraordinários — do empregado que se afasta por enfermidade, até o momento em que passa a receber o benefício do Instituto a que está filiado, quando, então, percebe o complemento do salário.

LEI DESCUMPRIDA — Pela lei 1.136, de 19 de junho de 1950, o segurado pode contribuir até dez vezes sobre o salário mínimo. Teotônio de Paula Cabral, das nossas oficinas gráficas, afastou-se do serviço, por velhice e enfermidade, em 21 de setembro de 1955. Já havia completado o período de 24 meses de contribuição sobre o salário de Cr\$ 7.500,00. Requereu o benefício do IAPI e este lhe concedeu na base da contribuição sobre o salário de Cr\$ 2.400,00, ou seja, Cr\$ 1.580,00. A parte excedente, a saber, sobre o total de Cr\$ 7.500,00, até o momento não lhe foi paga, continuando "O Globo" a arcar com o pagamento do complemento do salário, como sempre costuma fazer.

Estes, os fatos ocorridos, mais recentemente, neste jornal. Milhares de outros, certamente, ocorrem, diariamente, numa demonstração clara da desorganização, senão da falência, da previdência social no Brasil, erguida sobre bases notoriamente demagógicas.

AÇÃO DIRETA

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Visc. de Inhaúma, esquina de Av. Rio Branco.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradás.

Praça Tiradentes, esquina de Sete de Setembro.

PREÇO: Cr\$ 2,00

DE PROUDHON A CARLOS MARX

(Conclusão)

na; Eusébio C. Carbo em A bancarrota do marxismo e Rucker em Marx e o anarquismo, quando assinala: "A origem da doutrina da plus value, fôse grandioso descobrimento científico de que tanto se orgulham nossos marxistas, a encontramos nos escritos de Proudhon".

"Na obra monumental de H. E. Barnes e H. Becker, História do Pensamento Social, alega-se que as possíveis e certas influências sofridas por Marx são: a) Devia a Hegel seu sistema dialético e sua fé na atividade do Estado; b) foi provavelmente nos escritos de Lourenço von Stein que encontrou, pela primeira vez, notícias gerais sobre socialismo e comunismo em França e outros países; mui provável é também que haja recebido de Stein as idéias da sociedade civil e das classes sociais; c) seu "materialismo histórico" tomou-o, em parte, a Feuerbach e, em parte a Heeren, talvez; d) a teoria do trabalho do valor deriva de Ricardo Rodbertus e socialistas ricardianos; e) encontrou a teoria da plus value (ágio) nos escritos de Thompson; f) a noção da luta de classes e necessidade de um alicamento proletário haviam sido acentuadas nas obras de Luís Blanc, Proudhon e Weitling; g) Marx recebeu de Simond a convicção de que os capitalistas se iriam debilitando com a progressiva concentração da riqueza em mãos de poucos; h) suas idéias acerca da "primitiva sociedade sem classes" deriva, parece, da sua herança do mischpat hebreu e de certas teorias dos "direitos naturais"; Morgan não deu senão uma confirmação posterior; i) pode ter vindo de Rodbertus a tese de que as crises continuamente recorrentes constituem necessário aspecto da vida econômica sob o capitalismo; j) sua fé numa futura idade de ouro, de caráter quase messiânico pode ter ele haurido de suas leituras do Velho Testamento e k) por último, sem que seja isso fator de menos importância, suas noções de táticas revolucionárias derivavam em parte de Danton e outros líderes jacobinos da Revolução Francesa."

Realmente, do marxismo nada fica, salvo o conteúdo de religião intolerante e nacionalista. A U. R. S. S. busca uma concordância com o capitalismo; isso o indica ao afirmar que o leninismo parte de que é possível e necessária a coexistência pacífica de sistemas sociais e econômicos diferentes". Pede-se agora coexistência com o capitalismo e se requer que seja pacífica. A guerra continua contra socialistas e anarquistas, inimigos da ditadura, do centralismo e do Estado Proletário.

E, cada dia, mais atualidade assume o pensamento de Proudhon: "O que fez o capitalismo com respeito ao trabalho, faz o Estado com respeito à liberdade e à Igreja no tocante ao espírito".

Postos no beco sem saída de valorizar as teorias de Marx, vai sendo este excomungado e "não é certo que os comunistas apoiem, nos diferentes países, todo movimento revolucionário contra o estado atual de coisas, social e político existente" e os proletários que "nada tem que perder, senão um mundo que ganhar" dão de ombros ao comunismo, duvidam das promessas de Marx — inútil buscar ironia —, o chamado comunismo se estabelece nos países mais industrializados, Rússia e China. O expresse da Revolução não chega à pátria de Marx, nem com a União de Bebel e Lasalle, nem com os 110 deputados membros do Reichstag na Alemanha anterior à guerra de 1914. Não chega para os comunistas pela traição da social democracia que tomou ao marxismo o que Marx combatia: o parlamentarismo, o apelo aos tribunais, o sufrágio universal, tudo quanto ele considerava medidas legalistas e reformistas.

Mas, os comunistas tropeçaram com as mesmas pedras na América do Sul. Vimos até comunistas feitos ministros de governos capitalistas, como em Cuba e no Chile. Com Batista em 1944 e Videla em 1946-1947.

Assim como a Igreja Católica tem estabelecida a coexistência e dela nada resultou para a liberdade social, assim também o comunismo procura a cotolerância e nenhum problema de liberdade resolve para a sociedade.

As críticas de Proudhon ao Estado e à burguesia continuam latentes e são atuais, com a razão a seu lado, visto que à religião do comunismo falta lógica e razão por ser uma sistematização dos mesmos defeitos que pretende combater no capitalismo industrial e imperialista.

Jayme R. Magrãia

(Traduzido de El Sol de Costa Rica 26-XII-55)

Para Maior Glória de Satanás

"SE QUERES IR PARA O INFERNO, FAZE-TE PADRE"! — FALSOS OU VERDADEIROS, SÃO TODOS IGUAIS

O matutino católico desta capital, num dos seus suplementos dominicais publicou a "história" que, com a devida vênia, divulgamos a seguir:

"Ludwig, um belo dia vestiu o hábito de frade trapista, com as respectivas sandálias, e se apresentou a um motorista de praça de Mar-selha, declarando ser o Padre Superior da Ordem, encarregado de realizar uma longa viagem de inspeção pelos conventos europeus.

Depois de alguma hesitação, o motorista aceitou, e a viagem se iniciou. As "inspeções" aos conventos procediam normalmente e, ao cabo das visitas, os confrades ofereciam ao "Superior" viveres para a viagem e, freqüentemente, também dinheiro como contribuição para o êxito da missão.

A medida que a viagem se desenvolvia, o falso frade adquiria segurança e desembaraço, chegando ao ponto, certa vez, de presenciar a inauguração de uma fábrica de chocolate e abençoar os presentes. Em outra oportunidade inaugurou uma exposição de pintura na Espanha. Na Itália — em Pavia, Florença e Roma, as suas iniciativas foram múltiplas. Visitou orfanatos, prometeu subvenções, garantiu a mediação da Santa Sé para aquêdes Institutos que se encontravam em condições precárias. Recebido festivamente por um cardeal romano, o qual lhe confiou mensagens para superiores de muitos conventos da Europa, continuou a sua viagem distribuindo com generosidade bênção e promessas. "Toda vez que trocava um pneu — conta o motorista — padre Gamerberg (este era o falso nome do alemão), me abençoava".

Todavia, também desta vez o diabo interferiu. Estava escrito, de fato, que a viagem de "inspeção" do reverendo padre tivesse que terminar no Tirol, num convento de freiras.

As boas irmãs, que haviam acolhido com muita cordialidade o frade, ficaram surpresas certa manhã, ao assistir a missa na igreja do convento: o latim do oficiante não era ortodoxo. Secretamente, avisaram o vigário geral de Klagenfurt, que pôs em funcionamento a armadilha, na qual o falso frade deveria cair. Convidou-o para um almoço, oferecendo-lhe pratos deliciosos, dos quais o alemão se serviu abundantemente. Infelizmente para ele, a ordem dos trapistas proíbe comer certos alimentos.

A "inspeção", portanto, foi interrompida pela polícia internacional, e o "padre" Gamerberg, traído pela gula, passou do convento para a cadeia.

Naturalmente, foram descobertos numerosos cheques sem fundo que o alemão assinara durante a sua venturosa jornada pela Europa, em nome de um convento inexistente."

A "história" que acabamos de transcrever não é bem uma "história". É um relato fiel do que só acontecer normalmente entre a gente de batina que se agrupa em conventos, seminários ou mosteiros. A única diferença existente é que o frade vigarista não ensaiou convenientemente a prática de certos ritos que os verdadeiros "escravos" de Cristo representam nos atos oficiais.

Mas os que prepararam a armadilha para pilhar em flagrante o falso padre, esqueceram-se do seguinte: — se o vigarista foi apanhado em contradição, saboreando alguns quitutes que a Ordem proíbe, como é que, na dispensa do convento existiam os "ingredientes" necessários e um mestre-cozua habilitado para o preparo dos pratos proibidos?

Ao que parece, os frades da Ordem é que estavam transgredindo os regulamentos e foram apanhados com a boca na botija, açambarcando alimentos "proibidos" e, recando uma denúncia aos superiores, acusaram o frade vigarista de não ser frade.

Mas falsos ou verdadeiros, são todo iguais. De quando em vez, algum deles é sacrificado, pagando pelos crimes dos outros irmãos. E a farsa continua.

Ainda há muita gente que, por conveniência ou ignorância, ajuda a sustentar essa classe parasitária, falsa ou verdadeira, que se alimenta do que melhor existe, nada produzindo em benefício da humanidade. Seus conventos, seus seminários, seus internatos nada mais são que antros de depravação.

O caso da novicia Sara de Matra, sacrificada no convento das Trinas, com a cumplicidade da célebre irmã Coeta, à concupiscência de um frade devasso, e forçada depois a ingerir a cicuta para que o fruto do seu ventre não gritasse mais tarde, — fato este que se encontra narrado no livro "Nos bastidores do mistério...", do escritor Adelino de Figueiredo — está coerente com a confissão do padre José de Castro, que, em vida, escreveu um livro sobre religião e disse: "tantas misérias e abominações fariam desprezível, de algum modo odioso, aos leigos, a classe eclesiástica de Roma, a ponto de estes dizerem com freqüência: "se queres ir para o inferno, faze-te padre", (ou frade, acrescentamos nós).

NOTA: — Enviou-nos carta um companheiro, a propósito de declaração feita por nós, quando no n.º 103, secção — "Para Maior Glória de Satanás", cap. "Satanás, "Religião" e Política", § 3.º, dissemos: — "O livro parece destinado a defender a religião católica, embora o seu autor não seja do rebanho da Internacional Negra..."

Trata-se de um esclarecimento aos leitores. Ei-lo: "...o livro tem sua origem nas "guitarras" do grupo protestante "Testemunhas de Jeová", grupo que aumenta assustadoramente seus quadros em nosso país."

FÁTIMA

(História de um grande embuste — Cartas ao Cardeal Cerejeira)

POR

TOMÁS DA FONSECA

416 págs. de erudição e combate à mistificação religiosa e exploração do milagre. Preço: — Cr\$ 80,00. À venda nas boas livrarias e, pelo reembolso, na Editora Gerninal.

Caixa Postal 142 — Lapa — Rio de Janeiro

NO PARAISO DE SALAZAR

Por EDGART RODRIGUES

VIII O MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL

Extinta, em 1834, a "Casa dos Vinte e Quatro" agremiação da média burguesia, aparece logo, em 1839, a Associação dos Artistas Lisboenses, criada com o objetivo de prestar assistência aos operários, na falta de trabalho na velhice e por doença ou desastre no trabalho (ao tempo ainda não havia seguro de acidentes). Pouco depois, surgem outras associações de socorros mútuos com o mesmo fim. O trabalhador por essa época, era instrumento fácil de manobrar, ao sabor dos apetites da aristocracia. Analfabeto, trabalhava de sol a sol, sem outros direitos que não fossem os de ir à missa e ser escravo.

Em 1850, aparece o jornal "O Eco dos Operários", dirigido pelos socialistas Souza Brandão e Lopes de Mendonça, que, em sucessivos artigos, expõem aos trabalhadores quanto valia realmente o seu trabalho e o valor que o capitalista lhes atribua. Alguns operários gráficos e de outras profissões juntam-se aos socialistas e prosseguem a luta contra a burguesia. Ainda nesse mesmo ano, aparece a Associação dos Operários e logo em setembro, estavam organizadas mais dezesseis. Assim, ano após ano, foram aumentando e aperfeiçoando-se os métodos de luta de classes, especialmente depois que se introduziram no país as ideias da 1.ª Associação Internacional dos Trabalhadores (A. I. T.). Esses trabalhadores rudes e analfabetos começaram a ouvir falar da sua miséria e dos seus direitos. Compreendem então a necessidade de saberem ler e começam a procurar as associações, onde se iniciavam cursos populares, dados gratuitamente por homens de letras e ciência tais como José Estêvão, J. Andrade Corvo, Latino Coelho, Júlio Pimentel, Pereira de Carvalho, Horta Arantes e tantos outros.

Foi deste viveiro que nasceram em Portugal os primeiros revolucionários sociais, aos quais não tardou que a Polícia, com o fim de desacreditá-los, desse o nome de "bombistas". Usaram eles, efetivamente, algumas vezes a violência, porém, jamais sem razão, pois quando lançavam mão dos recursos extremos, já seus direitos haviam desde muito, sido ofendidos moral e materialmente. Seu perigo para os capitalistas, não consistiu aliás, na violência que poderiam empregar e que nada representava em relação à potência policial mas sim, no seu despertar para as ideias de emancipação social. Aquela pedação de carne com dois olhos, como lhe chamavam, principiava a conhecer a sem-razão de sua miséria, as injustiças contra si praticadas, tanto pela burguesia como pelo Estado que a protegia. Era esse o ponto perigoso da questão. Contudo, essa tentativa de emancipação ia tomando vulto embora sofrendo leves interrupções com as apremetidas da Polícia.

O regime monárquico, apesar de sustentado pelos chamados "Talassas" permitiu que esse movimento se desenvolvesse (muito ao contrário de Salazar), pois até à implantação da República, em 1910, publicaram-se os seguintes jornais operários em todo o país: "Eco dos Operários", "Defensor dos Artistas", "Jornal dos Artistas", "O Defensor do Trabalho", "Pensamento Social", "Fraternidade Operária", "O Protesto Operário", "O Protesto Anarquista", "O Primeiro de Maio", "Revolução Social", "A Revolução", "O Despertar", "A Federação", "A Vida", "A Obra", "O Eco dos Metalúrgicos", "O Trabalho e a Liberdade", "A Tipografia", "O Gráfico", "A Greve" (este, diário) e outros.

Não é propriamente por si que os respectivos jornais têm valor, mas pelo progresso cultural, como se verifica pelos jornalistas saídos das massas populares e que, naqueles jornais se iniciaram na arte de escrever. O operário, antes inculto, de aspecto rústico, aparecia já em 1910 de cabeça levantada, divulgando com certo brilho e destemor seus órgãos de propaganda.

Velo a República e as lutas continuaram para a conquista das oito horas de trabalho, da liberdade de imprensa, do direito à greve e da assistência nos acidentes de trabalho, medidas decretadas nos primeiros anos do regime republicano.

Com a feição liberal do regime democrático, os sindicatos, já bem orientados, estabelecem ligações em todo o país, através de federações, câmaras sindicais e União Operária Sindical (U. O. S.), que só aparece em 1919 com a criação da Confederação Geral do Trabalho (C. G. T.) no Congresso de Coimbra. Criaram-se grupos anarquistas em todo o país e, graças à sua intervenção, foi possível melhor aproveitamento das reivindicações operárias. Deveram-se-lhes as escolas de militantes e os cursos de capacitação, dentro dos sindicatos. Por sua orientação, se criaram bibliotecas e abriram cursos literários, o que permitiu a muitos operários lerem diretamente livros e jornais socialistas estrangeiros e traduzirem obras fundamentais, principalmente francesas, italianas, espanholas, inglesas e alemãs.

Jornais e revistas muito bem orientados se revezaram, tais como, entre outros, "Aurora" de Setúbal e a do Porto, "Solidariedade", "Igualdade", "O Caixa", "O Libertário", "Terra Livre", "O Construtor", "A Sementeira" (revista), "Renovação" (revista), "Novos Horizontes" (revista), "O Trabalhador Rural", "O Germinal", de Setúbal e do Porto, "A Vanguarda", de Arsenalista, "A Voz do Operário", "A Comuna", "O Lutador", "O Tipógrafo", "A União Operária", "O Sindicalista", "Educação Social", "Avante" e "Batalha" diário que se manteve de 1919 a 1926.

Essa obra que se agigantava, era livre de influências políticas, clericais ou militaristas. O operário português estava a caminho da sua emancipação

quando a insurreição fascista surgiu em 1926. Esse proletariado, que hoje está reduzido a silêncio conventual, realizou de 1877 a 1925, 110 congressos, participou de mais de 10 no estrangeiro, inclusive dois na Rússia. Promoveu 676 movimentos de ação direta (greves), sofrendo apenas 82 derrotas.

A PROIBIÇÃO DA IMPRENSA OPERÁRIA E O ENCERRAMENTO DOS SINDICATOS

Esmagada a República (nessa época já na mão de um punhado de direitistas, que bem caro tem pago sua desmedida ambição de mando) os esquerdistas de ovidos entupidos (com alguma exceção), uniram-se às direitas, sem perceberem os manejos da gente da "Acção Católica" que, por trás de tudo, preparava a vontade, o assalto ao poder. Como prova, observe-se que os homens que organizaram a revolta de 28 de maio, General Gomes da Costa, Capitão Henrique Galvão, Almirante Mendes Cabeçadas, este então chefe de ministros e solidários com os revoltosos, não atenderam às decisões da reunião no quartel da Guarda Nacional Republicana na Graça, à qual havia assistido uma comissão de trabalhadores entre eles Santos Assanha, diretor de "A Batalha" e onde se havia decidido resistir aos invasores fascistas e outros militares, foram, pouco depois, afastados e até presos por aqueles que ocupavam, no movimento, lugares obscuros, e logo apareceram os senhores da situação. A C. G. T. denunciara, no seu diário "A Batalha", as manobras dos fascistas, que, não fora o temor que lhes inspirava a organização operária, já teriam dado o golpe totalitário em 1921.

Não se deteve apenas na denúncia a C. G. T. Foi mais longe. Criou organismos de resistência ativa no momento próprio. Infelizmente não chegaram a ser utilizados porque, tendo a cegueira do mando embriagado os políticos republicanos, como Cunha Leal, António Maria da Silva, Ferreira do Amaral e outros culpados das deportações em 1925, se inutilizou a projetada resistência da C. G. T. e aplinou o caminho para a vitória dos totalitários que hoje dominam Portugal. Muitos trabalhadores foram presos e deportados na data acima citada, por ordem do então chefe de polícia Coronel Ferreira do Amaral, sem prévio julgamento, apenas com o laudo de membros de "ma" "Legião Vermelha", criada pela imaginação delirante da Polícia. Eram os primórdios do fascismo.

O atentado contra Luiz Derouet (por um agasado da guerra de 1914 a quem havia despedido de empregado da Biblioteca Nacional) foi o pretexto para o assalto, destruição da sede da C. G. T. e roubo dos seus haveres. Os Sindicatos foram encerrados, os jornais operários impedidos de se publicarem e efetuaram-se prisões em massa dos militantes operários.

O HOMEM CONDICIONADO

(Conclusão)

vra livre — e, depois, esmagar-te-ão a unhas e ponta-pés.

Revelam, diariamente, os jornais a covardia e sede de vingança desses doidos, e o povo ignorante os aclama seus "grandes homens".

Cumpra ler os jornais, esgotos da opinião pública, e ouvir a fraseologia dos politiquinhos, dos padres e economistas para ter a convicção de que estamos encarcerados, com loucos, na mesma casa.

Se um louco verdadeiro vive na ilusão de que é representante de Deus, Imperador de Cascadura ou o Espírito Santo, ou um indivíduo como tu imagina ser bom patriota, cristão crédulo ou o Presidente do Estado, tudo isso é uma e a mesma loucura.

Inabaláveis como a imaginação ilusória de um demente, estão de pé firme essas ideias nocivas e quem as desrespeita profana o que lhes é Sagrado. Sim! meu amigo, a ideia fixa é o verdadeiro sagrado!!!

Não gostas da palavra monomania? Então, chama-lhe preocupação ou melhor ainda, entusiasmo; mas, pensa bem, o entusiasmo verdadeiro chama-se fanatismo.

Chegado até aqui, susto um grande suspiro porque sei que ainda não compreendes esta linguagem. Ela deve ser para ti, qual missa para um boi. Está estou convencido de que me consideras louco.

Meu amigo, toda crença é um obstáculo e eu não tenho crença alguma. O indivíduo crédulo, como tudo, não é capaz de raciocínio pleno pois se acha impedido por suas crenças. Assemelha-se a um animal amarrado a um poste por uma corrente. Não importa seja essa corrente longa ou curta. Está sujado de tal modo, que só se pode mover dentro dos limites da corrente. Todas essas crenças são ideias fixas e elas, em vez de unir os indivíduos, os separam.

Tu, se reconhecesses isso, se apurasses que a crença condiciona, constrange teu pensamento, que farias? Com certeza, principiarias a libertar a mente do seu condicionamento e começarias a raciocinar logicamente.

Dizem-te que todas essas crenças unificam. É, repito, precisamente o contrário. Contempla o mundo, dividido em grandes e pequenos Estados, todos armados, dividido, em exploradores e explorados, em diferentes re-

OS TRABALHADORES LUTAM CONTRA A DITADURA

Movimentam-se os militantes que escapam à ação policial e, por meio de manifestos e greves de protesto, conseguem que alguns sindicatos se reabram, embora debaixo da vigilância da Polícia. No Porto conseguem publicar, de 1929 a 30, a revista "Aurora" e os jornais "Vanguarda Operária" e "Germinal". A luta reinicia-se, mas, a cada instante, a nova polícia política atua com barbarismo impressionante. Os sindicatos sofrem constantes assaltos e as prisões do Aljube do Porto e a de Lisboa estão a abarrotar de operários. Levas de militantes anarquistas, bolchevistas, republicanos e socialistas partem para o Timor (o navio que conduz os deportados é hoje o famoso navio-hospital "Gil Eanes").

Apesar das perseguições que os sindicalistas vinham sofrendo intensificava-se uma luta paralela à dos republicanos que haviam fugido para Espanha.

Decretado, em 1932, a título de salvação nacional, o desconto compulsivo de 2% sobre o salário de fome, o povo revoltou-se e promoveu uma greve, mas o fascismo triunfa e, até hoje, persiste aquele desconto de salvação. E também neste período que são presos no Porto os responsáveis pela publicação do almanaque "Humanidade" e é deportado o advogado Carlos Cal Brandão por haver chamado a si toda a responsabilidade pela referida edição. Vai para Timor, onde permanece, até 1945, com centenas de trabalhadores de todas as profissões e tendências. Planeia, então, o fascismo salazarista um dos mais descarados roubos, os dois maiores atentados à liberdade dos trabalhadores: os decretos 23.048 e 23.050, respectivamente de 20 e 23 de setembro de 1933. O primeiro criou o Instituto Nacional do Trabalho, destinado a regularizar os movimentos do operariado, aprovar e desaprovar as atividades sindicais, subordinado ao subsecretário das corporações, chefe do manobrador das táticas do fascismo italiano em prática; e o segundo colocou os sindicatos sob o tacho do Estado Totalitário. Por esses decretos, os sindicatos recebem circulares-intimações, mas não aceitam tal arbitrariedade. Como só entraria em vigor em janeiro de 1934, a C. G. T. organiza um movimento, em todo o país, para impedir a entrada em vigor dos decretos citados. Esperava-se que esse movimento fosse secundado pelos republicanos e por todos os anti-fascistas o que infelizmente não aconteceu.

No próximo artigo falaremos do malogro daquele movimento e das prisões e deportações que se sucederam.

RESPIGOS DE "CUADERNOS DEL CONGRESO POR LA LIBERTAD DE LA CULTURA"

Este gigantesco novo mundo — que de certo modo está por descobrir — até não há muito se tinha por uma reserva liberal. Hoje afasta-se cada vez mais dos sistemas democráticos e se inclina para fórmulas totalitárias sob governos pessoais. Dos 171 milhões de habitantes, já há sessenta que vivem em dez países onde concorrem algumas das seguintes circunstâncias, ou todas elas simultaneamente: ou não há eleições, ou são eleições prefabricadas pelo partido do governo; não há parlamento, ou os seus membros foram escolhidos pelo governo; o poder judiciário está sob o controle do executivo; a Universidade está fechada ou com intervenção do governo; não há participação de nenhum corpo representativo na elaboração do orçamento, nem fiscalização dos gastos públicos; não se reconhecem os partidos de maioria — no Peru e na Venezuela foram oficialmente declarados fora da lei — e só se toleram as minorias conforme convenha ao Governo. Na Argentina houve perseguição à Igreja Católica como houve na Colômbia contra a Protestação.

Na apreensão de certos fatores que são da própria essência da vida contemporânea tem havido pontos de vista tão novos que mudam o conceito das instituições aceitas no mundo ocidental. O general Rojas Pinilla, presidente da Colômbia, no fim de um discurso de censura à imprensa, fixou este princípio: "a opinião pública sou eu".

Não menos de dez dos atuais chefes de Estado são oficiais do exército que iniciaram a sua carreira pública em um golpe de quartel. Juntas militares assumiram de fato os poderes que correspondiam às autoridades civis eleitas pelo povo. O executivo, o legislativo e o judiciário cederam o passo a uma autoridade única, sustentada pelo exército. A imprensa está sem liberdade em não menos de doze países. Quando Perón arrebatou "La Prensa" aos seus legítimos donos para entregá-la como um regalo pessoal aos sindicatos peronistas, comoveu-se a opinião internacional, porque se tratava de um dos maiores jornais do mundo. Porém isto foi apenas um episódio. Mais de uma centena de periódicos tiveram, lá, destino semelhante e o seu desaparecimento foi sensível porque representavam o espírito da província, ou o ideal dos socialistas, ou o pensamento católico, ou simplesmente, eram um símbolo da liberdade de opinar.

Este desmoronamento de instituições que o direito moderno consagra como essenciais, para a estabilidade civil e para todo o sistema representativo, vem-se intensificando depois da segunda guerra mundial.

Os pregoeiros do novo estilo, na sua maior parte, procedem de escolas nazistas ou se educaram no falangismo espanhol. Os partidos democráticos, amordaçados, se vêem calcados a esboço, mas que, adestrado para a luta clandestina, goza de maiores facilidades em países que se organizaram para um sistema totalitário.

DE COLIN CLARK

tica pagam suas promissórias com a mesma moeda com que as paga o padre, isto é, um reino lá no futuro. Sacrificam a única possessão tangível, o presente, por um futuro em que o progresso, como os mágicos, tire coelhos de uma cartola. Mas tal promessa no porvir significa termos de continuar a passar fome para que nossos tetraneitos no ano 2555 possam desfrutá-la. Fábulas, em tudo igual à que nos contaram nossos tetravós.

Não podes negar, meu amigo, o fato de que vivemos num manicômio onde perdete tua individualidade. Sei que negas isso porque tens tua casa, tua mulher, teu nome, tua colocação e tua opinião sobre o futebol e tens lido uma infinidade de livros; mas, com tudo isso, és um homem condicionado pelo ambiente.

Es brasileiro ou alemão, tens uma determinada ideologia política, és educado do modo prescrito pelo Estado. Todas as tuas ideias fixas, religiosas ou políticas resultam dessa educação. Dessarte perdete tua individualidade, és obra mal feita do Estado. Não és outra coisa que um autômato. Mas, a individualidade é única; do contrário, não é individualidade. E o que é único é criador, está acima de todas as ideias fixas. Só terás individualidade quando fores livre. Enquanto fores condicionado como brasileiro, como cristão, como budista, comunista, ou seja o que for, não podes ser único. Enquanto não fores todos livres dessas ideias fixas, não surgirá revolução libertadora.

Findando, quero chamar tua atenção para a revolução política da Argentina. O Vaticano lutou contra os peronistas e os venceu. Os mesmos padres que hoje amaldiçoam Perón, entoaram, quando ele tomou o poder do Estado, em suas catedrais e igrejas, o Te Deum e gritaram: "Viva a federação sagrada e morte aos unitários malvados." Hoje gritam o contrário: "Vivam os unitários e morram os peronistas malvados." E, nas catedrais, entoam novamente o Te Deum.

Espectáculo extraordinário, visto do interior dos crânios: uma procissão de ideias fixas e fantasmas evolvidos de cérebros febris: Liberdade, Justiça, Direito, Pátria. Todos esses pobres cérebros acusando-se reciprocamente.

Dessa luta fantástica entre sombras lendárias, nada se vê de fora senão convulsões e gritos do animal humano, possuído de tantas ideias fanáticas.

A atenção dos economistas ocidentais desviou-se discreta e eficazmente de todos os assuntos embaraçosos, para concentrar-se nos dados estatísticos que o governo soviético escolheu para a sua propaganda ativa. Os mais qualificados dentre eles, que entendem russo e têm a paciência de inteirar-se dessa ingente massa de papel, lêem as revistas técnicas e recolhem nelas uma colheita de informes que se referem, quase todos, a um setor limitado da economia: a produção da indústria pesada.

Pois bem: aquele que sabe o que são, verdadeiramente as estatísticas soviéticas pode deduzir, com frequência, as suas conclusões mais interessantes, das estatísticas que não se publicam. Assim, a publicação das estatísticas sobre o custo de vida cessou bruscamente em 1929; as da natalidade e mortalidade em 1930. Em 1937 realizou-se um censo da população, mas os resultados nunca se fizeram públicos, porque se descobriu, à última hora, que todo o pessoal dos serviços de censo era um grupo de fascistas, de derrotistas, e de trotskistas, culpáveis da violação de todos os cânones da ciência estatística.

Somente na agricultura se manteve uma proporção decrescente da mão de obra russa a fim de proporcionar braços à indústria. Com uma produção relativamente estacionária por homem, a quantidade de produtos alimentícios disponíveis por consumidor diminuiu efetivamente. Nos anos bons de final dos anos vinte e durante um ou dois anos bons do final dos anos trinta, a média do consumo alimentício por habitante havia voltado a ser aproximadamente o que era em 1913; mas durante a crise da coletivização foi muito mais baixa e ainda o é na atualidade, depois de todos estes anos de exploração coletiva. Ainda que pudessem fazer outra coisa, a agricultura soviética é incapaz de manter decentemente a população. Se houve progresso na produção de um ou dois produtos, como a beterraba e o algodão, e uma produção quase suficiente de cereais, há em troca extrema escassez de carne e de laticínios, em virtude de os cuidados com os animais exigirem esforço pessoal e não poderem ser organizados do centro. Na Rússia foi liquidada a maior parte dos cavalos, o que teria deixado livres muitos pastos e forragens para os demais animais. Pois bem: o número de porcos em 1953 era bem pouco superior ao número de 1923; o de bovinos, inferior, e o de vacas leiteiras — o mais importante dos animais domésticos — inferior, de fato, a vinte e cinco por cento. Já está o fracasso aterrorizar da produção leiteira a que Khruchev consagrou os parágrafos mais críticos do seu sensacional discurso sobre a quebra da agricultura soviética, pouco tempo depois da morte de Stálin.

A casa média inglesa tem uma área de "97 metros quadrados, 5.450 centímetros" (a maior parte das casas familiares construídas nos Estados Unidos têm atualmente dimensões equivalentes). Se está ocupada por uma família de cinco pessoas, isto é, se há "19 metros quadrados, 5.090 centímetros" de superfície por pessoa, consideramo-la como suficientemente ocupada. Na Rússia pré-revolucionária, em 1913, a superfície média por habitante urbano era tão somente de "6 metros quadrados, 9.675 centímetros". Em outros termos: um alojamento das dimensões de uma casa comum inglesa seria ocupado não por cinco pessoas, mas por catorze. Dura: excesso de habitantes enfiados. Assim é, com efeito, segundo o nosso modo de ver; porém para os russos é este um ideal inacessível, em confronto com as condições de alojamento no regime soviético. Em 1923, quando se considerava que já estavam reparados os danos da primeira guerra mundial e da revolução, a superfície média de vivenda era tão somente de "6 metros quadrados, 385 centímetros" por habitante. O "primeiro plano quinquenal" fez muitos projetos; porém, poucas construções. O aumento da população industrial excedia de muito os novos alojamentos disponíveis, e em 1932, a superfície de vivenda por pessoa havia decido a "4 metros quadrados, 9.237 centímetros". Após isto, a situação, ao invés de melhorar, continuou piorando, e a cifra baixou a "3 metros quadrados, 9.947 centímetros" por pessoa em 1933. As informações de que hoje dispomos revelam-nos estarem as coisas mais ou menos no mesmo pé. Significa isto que uma vivenda das dimensões da casa inglesa comum, que deveria alojar catorze pessoas conforme as normas pré-revolucionárias, teria que alojar vinte e quatro na atualidade.

Estas são as cifras para a população urbana. Para a população rural os dados são menos precisos: parece, porém, bem claro que as condições são muito piores ainda que nas cidades, alojando-se famílias numerosas em cabanas de um só compartimento. Os trabalhos de construção do Estado estão concentrados completamente nas cidades, e os camponeses que constroem, por si mesmos, o que possam.

Nosso fim:

IGUALDADE E LIBERDADE
(comunismo e anarquismo)

Nosso método:

AÇÃO DIRETA
(nada por meio de governos)